

Correção de rota

Bronzeado pelo sol baiano do fim de semana de relaxamento das tensões da campanha e da crise que endoidece o mundo, o reeleito presidente Fernando Henrique Cardoso certamente aproveitou os vagares protegidos pela segurança para algumas reflexões sobre os erros cometidos no primeiro governo e as correções no bis em tempos turbulentos.

Tolice alegar a inoportunidade do aprendizado diante do quadro mutante, a impor revisões táticas a cada volta do caminho. Pois há enganos veniais que se arquivam e erros propriamente ditos que só a obtusa teimosia leva à reincidência.

O exame de consciência das dificuldades que embaraçaram os quatro anos do mandato de estréia deve começar, como manda a lógica, pelo princípio. E, mesmo correndo o risco de insistir no sabido, lembre-se que o comboio saiu dos trilhos e perdeu-se, aos trancos e solavancos, pelos desvios do oportunismo, quando a marcha em cadência batida da aprovação das reformas, que acumulava vitórias em série nos primeiros seis meses de 95, foi paralisada para abrir passagem ao triunfal desfile da emenda da reeleição.

Não se previa nenhuma resistência, além dos esperneios inúteis da oposição nanica e seus satélites, com poucos mais de uma centena de deputados na Câmara de 513. O rolo compressor esmagara a esquerda nas votações polêmicas, derrubando tabus nacionalistas como o monopólio da Petrobrás, do monopólio estatal da navegação de cabotagem, da exploração do subsolo, da telecomunicação.

Por que temer pela sorte da reeleição do interesse político da maioria, em bloco cimentado pela popularidade crescente do presidente, dono e senhor do eleitorado, sem concorrente à vista?

A história é conhecida. A reeleição estancou o andamento das reformas, congeladas por três anos no Congresso, e só seria aprovada, ao alto preço de desgaste de denúncias de barganhas amazônicas, no apagar das luzes de 97. Não houve tempo nem empenho para retomar o embalo e arrancar do atoleiro a reforma fiscal — que agora o governo promete acelerar, depois de trocar o projeto renegado pelo que está concluindo, a toque de caixa. A desfigurada reforma administrativa não se completou e aguarda a regulamentação para entrar em vigor. Largada às traças, a cãpenga reforma da Previdência também vai ser retomada, e a coitada necessita plástica urgente e de complicada articulação no Congresso renovado em 47%.

Apanhando, o governo aprendeu com as sovas dos erros. Não repetirá a tolice de esperar pela posse, em 1º de fevereiro, do novo Congresso. Complicações tanto o espreitam nas articulações com o moribundo, sangrando pelas muitas feridas das derrotas, quanto com o novo, que não será diferente do agonizante.

Não há nenhuma razão sensata para não tirar partido da vitória eleitoral e jogar com a sedução do mandato renovado pelo voto.

Na mesma toada, registre-se que o príncipe vem emitindo sinais de que não pensa em nova reeleição nem se deixa seduzir pela conversa de patrocinar a mudança do regime para, na troca do presidencialismo pelo parlamentarismo, consolar-se com a indicação para primeiro-ministro.

Palavras o vento leva. Mesmo impressas. Mas, em alguma coisa tem-se que confiar. Portanto, vale a pena ler e conferir a conversa gravada entre o presidente Fernando Henrique Cardoso e o ex-presidente de Portugal Mário Soares, e editada pela Paz e Terra, em livro de texto envolvente, *O Mundo em Português — Um diálogo*.

No último capítulo, "Tempo de reflexão", a partir da página 335, provocado por Mário Soares, Fernando Henrique escancara a alma. E afirma, categórico: "Em primeiro lugar, uma pessoa que exerceu as funções de presidente da República não precisa exercer outras funções político-partidárias". Ainda é pouco. Reconhece que não precisa preocupar-se com o futuro. Além de professor universitário, tem a ampla possibilidade de realizar conferências pelo mundo afora. Gostaria de organizar um pequeno centro, uma Fundação, onde, declara, "pudesse passar a limpo minhas idéias e minha experiência". Cultiva o hábito de, quase todos os dias, registrar as impressões que valem a pena conservar e assim reuniu valioso material para futuro aproveitamento. Palavras, apenas palavras? Ou a lição aprendida dos erros que não pretende repetir?